

Os desafios de um jornal impresso em um laboratório convergente¹

Júlia BERNARDI²
Gabriela PEDROSO³
Guilherme ALMEIDA⁴
Bruna ZANATTA⁵
Caroline FERRAZ⁶
Thamiris MONDIN⁷
Janaina MARQUES⁸
Anna Cláudia FERNANDES⁹
Cândida SCHAEGLER¹⁰
Douglas ROEHR¹¹
Betina CARCUCHINSKI¹²
Paola MARCON¹³
Alexandre ELMI¹⁴
Fábio Canatta de SOUZA¹⁵

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, RS.

RESUMO

Este *paper* tem o objetivo de apresentar o laboratório convergente Editorial J com ênfase no núcleo impresso, em especial a produção de uma das duas edições, a de número 13. O Editorial J é o laboratório de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Os componentes do núcleo impresso são responsáveis pela elaboração, edição e finalização do objeto em forma impressa, com a orientação do professor Alexandre Elmi. Os alunos, sendo voluntários, bolsistas ou matriculados, produzem mensalmente um jornal de circulação na Universidade e fora dela, além de possuir uma edição online no site do Editorial J para visualização. Por meio dele, os alunos colocam em ação todas as técnicas e teorias vivenciadas nas aulas.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade jornal-laboratório impresso avulso.

² Aluna líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: julia.bernardi@acad.pucrs.br

³ Aluna integrante do grupo e estudante do 2º semestre do curso de Jornalismo, email: gabriela.pedrosos@acad.pucrs.br

⁴ Aluno integrante do grupo e estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo, email: guilherme.almeida@gmail.com

⁵ Aluna integrante do grupo e estudante do 3º semestre do curso de Jornalismo, email: bruna-zanatta@hotmail.com

⁶ Aluna integrante do grupo e estudante do 6º semestre do curso de Jornalismo, email: fferraz.carol@gmail.com

⁷ Aluna integrante do grupo e estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo, email: thami.mondin@gmail.com

⁸ Aluna integrante do grupo e estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email: janaina.marques.001@acad.pucrs.br

⁹ Aluna integrante do grupo e formada em Jornalismo no início do ano de 2014, email: anna.cbf@gmail.com

¹⁰ Aluna integrante do grupo e estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo, email: candida.schaedler@acad.pucrs.br

¹¹ Aluno integrante do grupo e estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email: douglas.roehrs@acad.pucrs.br

¹² Aluna integrante do grupo e estudante do 3º semestre do curso de Jornalismo, email: betina.carcuchinski@acad.pucrs.br

¹³ Aluna integrante do grupo e estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email: paola.marcon@acad.pucrs.br

¹⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: alexandre.elmi@pucrs.br

¹⁵ Co- Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: fabio.canatta@pucrs.br

PALAVRAS-CHAVE: Impresso; Convergente; Pauta; Edição.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo é, por natureza, uma atividade pela qual se confundem diversos meios de atuação. Hoje, um repórter não pode afirmar que somente escreve ou organiza as matérias, ele por si só precisa ter noções de fotografia, filmagem, gravação, edição e pós-produção. Na sua maioria (ALSINA, 2009, p. 113), a produção da notícia é um processo complexo que se inicia com um acontecimento. Contudo, a interação entre os colegas de redação e a atenção com que se trata cada fato ou acontecimento diminui essa complexidade.

Um laboratório de atuação convergente deve oferecer aos estudantes a oportunidade de produzir material jornalístico informativo e opinativo, sob uma perspectiva de multimídia. Esse, por sua vez, tem a função de unir professores de diferentes áreas da comunicação e do jornalismo para trabalhar em conjunto na elaboração de um produto convergente. A pauta pode ser apresentada em forma impressa primeiramente ou chegar a esse fim em sua última instância. As faculdades dos cursos de Jornalismo têm a obrigação, segundo o Ministério da Educação (MEC), desde 2008, de possuir um laboratório de estudo convergente, onde o jornal impresso não seja a espinha dorsal do estudo, mas que seja base apoiadora para outros meios.

É um desafio atuante e constante propor pautas que perpetuem com o tempo, contem histórias e que não sejam consumidas pela rapidez do dia-a-dia, a partir das notícias por meio digital. Ao colocar um jornal impresso em questão, deve-se levar em consideração a dinamicidade das mudanças e notícias de hoje, pois tudo fica velho com rapidez. Ao passo que, então, o jornal tenta aliar assuntos que possam se manter em dimensões diferentes de tempo e as matérias são produzidas pensando no ontem, no hoje e na história que permaneça como memória física.

O projeto do laboratório Editorial J teve início e planejamento em março de 2011. Nesse contexto, três professores, Fábio Canatta, Marcelo Träsel e André Pase, e cinco alunos se uniram para pensar uma forma de se adequar as mudanças das mídias digitais e criar um laboratório convergente. Em agosto do mesmo ano surgia a primeira ideia do Editorial J.

A diferença principal que havia na redação, em relação à atual, era a presença de um professor para cada núcleo e um editor/bolsista, sendo que os integrantes, voluntários ou

matriculados, eram repórteres que escreviam para todos os núcleos e áreas. Não havia uma rádio, propriamente dita, às vezes alguns podcasts representavam o áudio. Na TV, havia pautas sem uma periodicidade de divulgação. A partir de 2012, as mudanças aconteceram e o laboratório aproximou-se do formato atual. A partir de discussões, planejamento e com reformulações em todos os semestres, o Editorial J vem se consolidando como instrumento de formação jornalística na Faculdade de Comunicação Social (Famecos). O professor Alexandre Elmi, que é o responsável pelo núcleo do impresso, está no grupo desde março de 2013. Nesse ano, construiu a sua marca com as mudanças editoriais, ideias e inovações que o jornal precisava nessa era de mudança da distribuição da informação.

2 OBJETIVO

Na edição selecionada, teve-se como objetivo principal a elaboração de um jornal impresso para a circulação durante os meses de outubro/novembro de 2013. Além da sua construção em uma plataforma de divulgação que trabalha nas diferentes áreas do jornalismo e precisa fazer com que elas se correlacionem entre si, o jornal **Editorial J** tem a função de ser um resumo de temas importantes e inclusive apresentar pautas aprofundadas e em sintonia com a periodicidade do mesmo.

3 JUSTIFICATIVA

O jornalismo e os jornalistas cumprem função informativa na sociedade contemporânea, conforme Traquina (2010) e Kunczik (2001). Como prática de conhecimento sobre o mundo real e ocupação especializada, ambos, respectivamente, se aprimoraram ao logo de um processo de industrialização, associado ao desenvolvimento capitalista, à constituição de empresas jornalísticas e à organização de práticas e tecnologias, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX. De acordo com Traquina, “numa história universal do jornalismo, cada vez mais visível na era da globalização, dois processos fundamentais marcam a evolução da atividade jornalística: 1. a sua comercialização e 2. a profissionalização dos seus trabalhadores” (2010, p. 35). Neste desenvolvimento, a imprensa, vale dizer, o jornal impresso, apresenta-se como espaço pioneiro para as experiências inaugurais de trânsito de notícias na comunicação de massa, no entendimento de McQuail (2013).

Esta profissionalização de que fala Traquina (2010), também retratada em Kunczik (2001), estimulou a autonomia crescente dos jornalistas e a prática de um jornalismo

socialmente responsável e em consonância com os princípios da democracia, ainda que tais valores possam se expressar, se analisados de um ponto de vista crítico, de maneira imperfeita nas sociedades cuja imprensa é livre (KUNCZIK, 2001, p. 151). Notadamente, a profissionalização significou o compartilhamento de técnicas e condutas, apreendidas em ambientes favoráveis à socialização de conhecimento sobre rotinas, como as redações, os clubes de imprensa, os sindicatos de jornalistas e as escolas de jornalismo.

Com papel fundamental na organização da atividade jornalística, os cursos de jornalismo surgiram, inicialmente, nos EUA – ainda na mesma segunda metade do mesmo século XIX que assistiu ao surgimento e desenvolvimento do jornalismo moderno –, na França e na Grã-Bretanha, embora estes países tenham compartilhado concepções distintas sobre a natureza da atividade jornalística (TRAQUINA, 2010, p. 83). É ilustrativo o comentário que o magnata da comunicação Joseph Pulitzer faz a respeito da criação do curso de jornalismo da Universidade de Columbia, no qual destaca a função das escolas para jornalistas nos EUA, associando a necessidade de formação específica à ideia de bem público:

O objetivo desta faculdade será formar melhores jornalistas, que farão melhores jornais, que irão servir melhor à população. Ela irá transmitir conhecimentos para seu próprio benefício, mas para serem usados para servir ao público. Vai tentar desenvolver o caráter, mas mesma essa meta será apenas uma forma de chegar a um objetivo supremo – o bem público (PULITZER, 2009, p. 54).

Na estruturação dos currículos de jornalismo para contemplar a formação prática, a formação teórica e a postura crítica sobre o fazer profissional, o espaço para os laboratórios de jornalismo é estratégico, como pensado por Lopes (1989), a partir de consulta a pesquisadores do ensino do jornalismo. Conforme o autor,

o jornal-laboratório é um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional (LOPES, 1989, p. 50).

Neste sentido, o laboratório de jornalismo contempla os princípios do 1. uso de um conjunto de técnicas específicas; 2. foco em um público específico; e 3. experimentação constante em novas formas de linguagem. Estas três dimensões estão absorvidas na projecção de funcionamento do Editorial J, agregando a elas a preocupação com os aspectos ligados à convergência. Ao refletirem sobre os conceitos que deveriam nortear o Editorial J, Pase, Souza e Träsel (2011), destacaram os eixos que deveriam nortear a produção de

conteúdo no Laboratório de Jornalismo da Famecos, organizando-os dentro de uma perspectiva de sintonia com as exigências da formação de jornalistas em redações convergentes.

A tendência para a convergência midiática parece ser inevitável e exige a reestruturação dos laboratórios de estágio curricular em Jornalismo nas instituições universitárias, para atender às demandas sociais geradas pelo momento histórico. Não se pretende aqui sugerir que as mudanças no mercado e na sociedade devam ser incorporadas acriticamente aos currículos, mas, por outro lado, as universidades no Brasil têm a missão de formar profissionais para as redações e, por isso, não podem se distanciar das condições culturais, econômicas e tecnológicas da “era da convergência” (PASE, TRÄSEL e SOUZA, 2011, p. 11)

Segundo os autores, uma primeira característica desejável, então, para corresponder a esta sintonia, estaria na “eliminação das paredes”, colocando para trabalhar em um mesmo ambiente alunos e professores de todas as plataformas e linguagens, como áudio, vídeo, impresso, fotografia e web, “trabalhando com texto, imagem e som num mesmo espaço, para que haja troca de experiências e discussão mais aprofundada sobre o tratamento dado a cada linguagem numa cobertura multimidiática” (PASE, SOUZA e TRÄSEL, 2011, p. 12). Uma segunda preocupação viria da aplicação da complexidade das rotinas produtivas, permitindo que os acontecimentos sociais sejam retratados dentro de sua complexidade natural, contornando as simplificações comuns ao jornalismo ao enveredar a prática pelos caminhos do que chamam de “uma multimídia efetiva”.

A terceira característica de atuação do Editorial J como lugar para a formação jornalística em redações convergentes estaria, conforme os três pesquisadores, na adoção de uma temporalidade específica, que respeite o ciclo de vida dos acontecimentos, sem os cortes e as interrupções provocados pelas rotinas produtivas das redações tradicionais. O quarto fator de diferenciação do Editorial J seria a busca da originalidade, compromisso que deveriam nortear o trabalho de qualquer redação, por óbvio, mas que se torna imprescindível em um ambiente de convergência midiática, experimentação pedagógica e formação jornalística.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A metodologia para escolha das pautas cumpre a perspectiva de diferenciar, primeiramente, o acontecimento que pode virar uma pauta dentro de um contexto de aprofundamento. A partir da organização do calendário do ano em relação às publicações são realizadas reuniões gerais e entre os núcleos para sugestões de pautas – chamadas informalmente de Reunião de Pauta – e trocas de conhecimento de professor para aluno e

vice-versa. A pauta rege o trabalho do jornalista auxiliando no andamento do texto. A definição do que é ou não notícia segue uma série de normas intituladas como critérios de noticiabilidade.

A decisão do andamento da matéria surge a partir da apuração realizada e a confirmação de dados especulados com o auxílio do professor orientador que atua como editor-chefe na redação. Nas primeiras produções a correção era feita diretamente com o aluno, com feedback em relação ao trabalho realizado. Após um conhecimento maior do trabalho jornalístico – por possuir alunos de primeiro a oitavo semestre –, as correções são menores e realizadas individualmente pelo professor, sem atuação própria do aluno. O diferencial em jornais-laboratórios é a liberdade e a possibilidade de sugerir pautas e assuntos para serem discutidos, pesquisados e, enfim, realizados.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A construção de uma edição de um jornal impresso envolve muitos meios pelos quais os laboratórios convergentes também atuam. Trata-se de uma construção, pois pode se assemelhar a uma edificação: se algum assunto não seguir o contexto inicial da pauta, os problemas são grandes para a finalização da mesma. A reestruturação do design e do layout do jornal sofreu modificações no último ano, com a troca de editores, onde Anna Fernandes assumiu o encargo e encontrou no *Indesign* um programa para representar a nova edição. Como o trabalho é em convergência com os outros núcleos do laboratório, os alunos de fotografia assumem a escolha dos melhores imagens para ilustrar cada reportagem da edição.

A 13ª edição do **Editorial J** possui doze páginas, impressa em papel jornal, medidas 38cmx29cm. O modelo é estilo tablóide em função da praticidade de leitura e da visualização das páginas. A predominância das cores vermelha e preta remete às cores do laboratório. A disposição das colunas é diferente para cada página, respeitando sempre uma boa visualização da edição em plano geral, de acordo com um planejamento gráfico. A fonte utilizada é Georgia e Meiryo, em função de serem clássicas com um design alternativo, de fácil leitura e com serifa para transmitir uma ideia de mais prosseguimento ao texto. A tiragem do jornal é de 5.000 exemplares com periodicidade mensal, mesmo que, às vezes, não seja possível alcançar esse objetivo. Com distribuição, em geral, na Faculdade de Comunicação Social (Famecos) e outros prédios da PUC. Em alguns casos, ele é levado

para outros locais com autorização prévia para divulgação e reconhecimento do trabalho dos alunos.

A matéria principal de capa “*Infiltrados na Universidade*”, realizada pelas alunas Thamiris Mondin e Anna Fernandes, resultou de um processo de pesquisas em documentos históricos, entrevistas, descobertas e muitas modificações durante os meses de pesquisas. O diferencial que é encontrado em um jornal impresso é a possibilidade de aprofundamento do texto, com o cuidado no que for tratado. Além de poder atrair o leitor a partir de uma nova visão sobre um mesmo assunto, tratando algo que já foi visto, mas sob perspectivas não vistas. A decisão da pauta surgiu da forma inversa pela qual ela normalmente surge. A fonte era conhecida por uma das repórteres. A escolha da matéria como sendo a central veio a partir da apuração das repórteres e a análise das informações que resultariam em uma boa matéria.

A matéria da página 3 “*O novo terreno do MST*”, realizada pelas alunas Bruna Zanatta e Júlia Bernardi, encontrou contexto e gancho em função de uma entrevista produzida pela Bruna Zanatta em matéria exclusiva. Com base em uma declaração feita por João Pedro Stédile, com relação ao futuro do MST, as repórteres pesquisaram por dois meses para produzir um texto agradável e que respondesse as perguntas dos leitores. A dificuldade final foi a fotografia, pois a escolhida não agradava totalmente o editor-chefe, em função de não representar o texto apresentado. Dias antes de imprimir a edição, a foto feita pela aluna Caroline Ferraz mostrou, com simplicidade, o essencial dos 3.000 caracteres em um só olhar.

A inovação da matéria da página 10 e 11 foi a utilização de uma história em quadrinhos, sugerida pelo aluno Douglas Roehrs, para exemplificar a história de vida de Rene Silva, morador da Comunidade do Alemão. O conceito inicial era contar sua atuação com o jornal comunitário A Voz do Alemão, famoso no Brasil todo, em decorrência das invasões ao Complexo do Alemão durante o ano de 2010. Mas, após muitas discussões com o editor-chefe a decisão foi optar pelos quadrinhos como acompanhamento do texto e ilustração do assunto. O curioso é que o essencial da pauta, o tema, primeiramente, era para ser o jornalismo colaborativo e se transformou em um personagem que resumiu tudo o que seria tratado.

A menor quantidade de matérias, mas com mais aprofundamento de textos, é um diferencial que faz o meio escrito de distribuição sobreviver em detrimento das novas formas de disseminação de informação. Uma inovação no jornal Editorial J, concorrendo

com as novas tecnologias, foi a implantação do query code, no início de 2012 e consolidação em 2013. Segundo, Benetti (2003, p. 20),

QR code, ou código de barras bidimensional, é uma tecnologia similar aos códigos de barra convencionais. Sua vantagem reside em que os códigos deste formato são lidos com mais rapidez, mesmo com imagens de baixa resolução (em câmeras digitais de celulares aptos, por exemplo). A tecnologia permite acesso ao conteúdo online, no computador ou no celular, e pode ser impressa em panfletos, revistas ou mesmo outdoors.

O QR code auxiliou na exposição de complementos as matérias, com fotos, vídeos e hiperlinks, que antes só eram possíveis na web. As pautas, em geral, são pensadas de forma convergente para produzir o mesmo assunto em diferentes conteúdos. Um meio de interatividade e divulgação em conjunto com site guarda em memória digital a mesma matéria, com nossos enfoques ou extensões.

Antes da publicação, os professores e os orientadores do Editorial J analisam várias vezes as matérias para que os erros repetitivos em jornais diários não aconteçam. As diversas correções ortográficas, de concordância, análise das declarações e fontes é um diferencial para que o texto saia para a impressão o mais pronto possível para o leitor. Ao passo que se responde todas as perguntas da redação, também busca-se responder as perguntas do leitor em relação às matérias.

6 CONSIDERAÇÕES

O jornalismo surgiu, como forma maior de manifestação, a partir do início do século XVIII. Desde então, os jornais impressos foram presença para a disseminação de informação e conhecimento, para em seguida, conchamar uma opinião pública integrada. Os jornais-laboratórios tinham o propósito de instruir alunos em formação para atuar no mercado de trabalho com mais preparo. Hoje em dia, são essenciais para uma redação íntegra e que corresponda às mudanças diárias de pautas.

Há três anos o Editorial J traz uma possibilidade nova de aprimoramento de técnica e estudo a partir da periodicidade e cobrança acompanhada pelos professores. É de extrema importância que todos os alunos do núcleo participem do início ao fim do processo de construção do jornal e, em todos os núcleos se faça o conhecimento das matérias convergentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da notícia**. São Paulo: Vozes: 2009.

BENETTI, Marcia; STORCH, Laura. **Jornalismo, convergência e formação do leitor**. São Paulo. Vol 4, n. 2: 2011

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**. São Paulo: Edusp, 2001. 415p.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989. 191p.

McQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massa**. Porto Alegre: Penso, 2013. 584p.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. 216p.

PASE, André; SOUZA, Fábio Canatta de; TRÄSEL, Marcelo. **Anotações para um laboratório convergente de estágio curricular em Jornalismo**. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/111486882/Anotacoes-para-um-laboratorio-convergente-de-estagio-curricular-em-Jornalismo>. Acesso em: 31 mar. 2014

PULITZER, Joseph. **A escola de jornalismo na Universidade de Columbia: a opinião pública**. Florianópolis: Insular, 2009. 136p.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do jornalismo, Volume 1: por que as notícias são como são**. Florianópolis: Editora Insular. 2005. 224p.